

NOGUEIRA (Ataliba). — *Antônio Conselheiro e Canudos*. Companhia Editora Nacional. Coleção Brasileira, vol. 355. São Paulo. 1974.

O drama de Canudos, que no fim do século passado, se derramou pelas colunas dos jornais, que foi comentado, discutido, defendido e atacado, decorrido aproximadamente 80 anos, é ainda assunto palpitante para o historiador e para o sociólogo. E também para o político. Sua constante presença deve-se ao livro imortal de Euclides da Cunha. Não fossem *Os Sertões* e sua presença não seria tão viva e tão sedutora. A história o registraria, é certo, e com destaque. Mas este registro e este destaque jamais teriam atingido a notável repercussão que tiveram. É que o gênio lavrou em períodos de bronze a trágica epopéia daquela gente que seguiu pelo sertão o celebre Antônio Vicente Mendes Maciel, que se tornaria conhecido por Antônio Conselheiro.

Entretanto o gênio estava muito perto do drama. Seus olhos viram muito. Sua inteligência descortinou horizontes. Sua acuidade penetrou fundo aquele mundo bárbaro e sertanejo. Mas porque estava muito perto do drama, não pode ver tudo embora tivesse olhos de ver muito.

O professor Ataliba Nogueira vem de publicar *Antônio Conselheiro e Canudos*, onde nos mostra o personagem que chegou a abalar o Brasil nos primeiros anos da República, sob aspecto bem diferente daquele que comumente é apresentado.

Ataliba Nogueira tem o amor da verdade. Quando defende uma causa o faz com a consciência do advogado correto e com a firmeza do mestre que sabe ler e interpretar o documento. E é de um documento inédito, que tirou os traços morais e intelectuais de um homem muito falado e bem pouco conhecido.

O documento, na realidade, é uma obra manuscrita traçada pela letra firme e clara de Antônio Conselheiro.

Foi o dr. João Pondé, quem, em Canudos, encontrou o manuscrito, no dia 5 de outubro de 1897, e por isso informa que quando as tropas legais

“sob o comando do general Artur Oscar de Andrade Guimarães assehoraram-se vitoriosa e decisivamente do Arraial de Canudos, dando busca no lugar denominado Santuário em que morou o célebre Antônio Conselheiro, foi este livro encontrado, em uma velha caixa de madeira, por mim, que me achava como médico em comissão do governo estadual e que fiz parte da junta de peritos que no dia 6 exumou e reconheceu a identidade do cadáver do grande fanático. Submetido ao testemunho de muitos conselheiristas, este livro foi reconhecido ser o mesmo que, em vida, acompanhava nos últimos dias a Antônio Maciel o Conselheiro”.

Pondé ofereceu o livro a Afrânio Peixoto, que o transferiu para Euclides da Cunha, na esperança de que poderia servir para alguma nota de *Os Sertões*.

Ataliba Nogueira concluiu com boa lógica que Euclides não chegou a ler o manuscrito, pois quando o recebeu estava preocupado com seu concurso para lente do Colégio D. Pedro II e, mais do que isso, atormentado pelo problema familiar que acabaria em tragédia.

O livro de Antônio Conselheiro vem, agora, pela primeira vez a lume. Ataliba Nogueira ao examiná-lo o faz com o espírito de uma revisão histórica. E o consegue com brilho e segurança.

Antônio Vicente Mendes Maciel era cearense Nasceu em Quixeramobim em 1828. Na província natal, matriculado na escola do professor Manuel Antônio Ferreira Nobre, estuda português, francês e latim. Perdera a mãe aos 6 anos de idade e quando contava 27, morre-lhe o pai. Paga as dívidas deixadas pelo progenitor e educa as irmãs. Em 1857, contrai casamento. Como no comércio não vai bem, resolve lecionar português, aritmética e geografia. Abandonou o magistério e passa a advogar, como provisionado.

Residindo em Ipú, onde advoga, sofre o golpe que mudaria sua vida: a mulher o abandona e foge com o furriel João da Mata, da Força Pública da Província. Durante 10 anos procura a mulher e João da Mata, para vingar-se. Tudo em vão.

O tempo lhe mostra que deve seguir outro caminho, esquecendo a infidelidade da esposa. Dedicar-se, então, ao trabalho de construir cemitérios e igrejas e com este mister sai para o sertão em busca de vilas e povoados, onde arranja serviço para si e para os que o acompanham. Homem bom, pedem-lhe conselhos. E eles os dá. Vira conselheiro. O grupo que o acompanha, aumenta, cresce e já não é apenas reduzido número de operários, mas homens e mulheres que fogem da perseguição e das injustiças. Volta ao cristianismo.

Ataliba Nogueira escreve:

“Passa a sofrer a desgraça alheia. Aos que guardam ódio e a sede de vingança em seus corações, Antônio Maciel, que tudo perdoara e tudo esquecera, com a maior sinceridade lhes desperta o espírito cristão e junto com o desgraçado recita as orações populares do *Pai Nosso* e *Ave Maria*.

“Acolhe com carinho principalmente as vítimas da política-gem infrene, do fisco voraz e das arbitrariedades policiais. Quantos, para tranquilidade de espírito, enxergando as virtudes daquele homem, lhe pedem para ficar em sua companhia, trabalhando naquelas obras pias, em que se ganhava a vida de modo honesto”.

Em 1893, dispõe-se a fundar uma cidade. Escolhe uma antiga fazenda de criação, às margens do rio Vaza Barris, chamada Canudos. E ali se instala, com sua gente. O povoado cresce rapidamente. Chega a ter 25.000 almas, quando é arrasado. César Zama, famoso deputado baiano, citado por Ataliba, diz que a destruição de Canudos

“foi o requinte de perversidade humana”.

Ataliba Nogueira demonstra que Antônio Conselheiro não foi nem um fanático político nem fanático religioso.

Estamos, portanto, diante de uma obra que deve ser lida pelos estudiosos da história pátria e por quantos se interessam pelo nosso passado. O professor Ataliba Nogueira com este seu livro abre um novo caminho para a compreensão d'*Os Sertões* e, acima de tudo, o que entendemos o mais importante, trás uma nova luz para penetrarmos a grandeza de uma alma envolvida num drama longo e doloroso por um simples equívoco.

BRASIL BANDECCHI

* *
* .